

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN – (PARTE 1,
CONCLUSÃO)
12 e 14 de fevereiro de 2025

DAY OF THE OUTLAW / 1959

(Homens de Gelo)

um filme de André De Toth

Realização: André De Toth / **Argumento:** Philip Yordan, segundo o romance de Lee E. Wells / **Fotografia:** Russell Harlan / **Direcção Artística:** Jack Poplin / **Montagem:** Robert Lawrence / **Música:** Alexander Courage / **Intérpretes:** Robert Ryan (Blaise Starrett), Burl Ives (Jack Bruhn), Tina Louise (Helen Crane), Alan Marshal (Hal Crane), Venetia Stevenson (Ernine, filha de Vic), David Nelson (Gene), Nehemiah Persoff (capataz de Starrett), Jack Lambert (Tex), Frank DeKova (Denver), Lance Fuller (Pace), Elisha Cook, Jr. (Larry Teter), Dabbs Greer (Doc Langer), Betsy Jones-Moreland (Mrs. Preston), Helen Westcott (Vivian), Donald Elson (Vic), Robert Cornthwaite (Tommy Preston), Michael McGreevey (Bobby)

Produção: Sidney Harmon e Philip Yordan, para a United Artists / **Cópia:** DCP, preto e branco, versão original legendada eletronicamente em português, 92 minutos / **Estreia Mundial:** Estados Unidos, Julho de 1959 / **Estreia em Portugal:** cinema S. Jorge, 21 de Julho de 1960

Day of the Outlaw é um objecto raro. É um daqueles poucos filmes que não só conseguem fazer-nos “sentir” a atmosfera e o meio físico em que circulam as personagens, como é também um dos raros em que a personagem central não é qualquer das figuras que o cruzam, mas a natureza que a domina. É certo que temos Anthony Mann, aquele cineasta cujo olhar sabia compreender como poucos a relação entre as personagens humanas e a natureza, encenando um conflito entre ambos, de que as primeiras acabam por triunfar. Na verdade, a natureza nos filmes de Mann é antes de mais uma das provas por que os seus heróis têm de passar, metáfora de instintos primitivos a domesticar para ascender à “civilização” (**Bend of the River/Jornada de Heróis, The Last Frontier/Os Bravos Não Voltam Costas**). Nada disso neste filme de André De Toth. A natureza em **Day of the Outlaw** é a “figura” dominante e invencível. Talvez não haja muitos filmes que nos façam sentir o peso da natureza e a solidão do ser humano no seu meio, e a impossibilidade deste de fugir. De facto poderia apontar pouco mais do que três, a saber **Greed**, de Stroheim, **The Wind/O Vento**, de Sjöstrom e **Day of the Outlaw**, de De Toth. Nestes filmes a natureza impõe a sua força e majestade sobre os humanos que se revelam impotentes contra ela, meros brinquedos e vítimas. Como o vento no filme de Sjöstrom, a presença da neve é uma constante ao longo do filme de De Toth, como o deserto no final de **The Greed**, os campos nevados de **Day of the Outlaw** revelam-se uma armadilha letal para os que por eles se aventuram. Se há um sobrevivente, para lá dos habituais clichés de Hollywood, é também porque se trata do homem que melhor conhece o meio, o mais apto a sobreviver. E repare-se que este personagem, Blaise Starrett (Robert Ryan) pouco ou nada tem do tradicional herói do western. Apenas uma vez, na luta corpo a corpo com um dos bandoleiros ele parece afirmar-se como tal. De

resto é uma figura que se “apaga” (à excepção da cena da luta corpo a corpo com um dos bandoleiros) que tem mais a ver com uma necessidade de contenção do conflito do que como a típica manifestação de virilidade do western, situação em que **Day of the Outlaw** se reencontra com cenas semelhantes, em situações semelhantes, de outros westerns seus contemporâneos, como **Man of the West/O Homem do Oeste**, de Anthony Mann, e **The Big Country/Da Terra Nascem os Homens**, de William Wyler. Nunca haverá, como no western clássico, o habitual duelo ou ajuste de contas entre Starrett e o bando de foragidos. Não é o primeiro que, como é da regra, vai abatendo os adversários um a um (**Bend of the River**). Starrett conhece a medida das suas forças e é um homem habituado a só jogar pelo seguro, ou quando tem os trunfos na mão, como ao começo, no confronto com os fazendeiros (ele é o grande “barão de gado” da região), antes da chegada do bando de Jack Bruhn (um fabuloso Burl Ives) e o seu bando. A personagem de Starrett não deixa de lembrar outra que o actor interpretara poucos anos antes em **The Tall Men/Duelo de Ambições**, de Raoul Walsh, contendo as suas emoções, escondendo os seus pensamentos, antes de estar pronto a entrar em acção, e deixando os conflitos e reacções dos outros agudizarem-se na solitária e gelada viagem, levando o bando a liquidar-se entre si. Starrett só está pronto a partir do momento em que Bruhn morre, porque este é a única razão por que o bando se acha unido e coeso. Mal este morre os membros do bando começam a matar-se entre si. O “low profile” de Starrett justifica-se. Ele é necessário como guia para o bando, mas os instintos agora desencadeados atacam mesmo o da sobrevivência e ele poderá ser também um alvo. A sequência final (antes do regresso de Starrett à localidade) é talvez uma das mais alucinantes da história do cinema, e uma cena única no género western. Se ao começo parece remeter-nos para o final de **The Last Hunt/A Última Caçada**, o que se segue não tem (que eu saiba), qualquer modelo: a fabulosa cena de Tex (um dos mais inconfundíveis e notáveis “carácter actor” dos anos 40 e 50, Jack Lambert, o perfeito vilão sádico e brutal de policiais e westerns), de corpo hirto, movendo-se mecanicamente e tentando manipular a espingarda com as mãos geladas para abater Starrett que passa a cavalo.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico